

ÍNDICE

Prefácio	9
----------	---

PARTE I. A ÚLTIMA REVOLUÇÃO ROMANA

I. A Sociedade

I. As Fronteiras do Mundo Clássico: c. 200	15
II. Os Novos Governantes: 240-350	26
III. Restauração de Um Mundo: A Sociedade Romana no Século IV	38

II. A Religião

IV. O Novo Ambiente: Direcção do Pensamento Religioso, c. 170-300	53
V. A Crise das Cidades: Aparecimento do Cristianismo, c. 200-300	66
VI. Os Últimos Helenos: Filosofia e Paganismo, c. 260-360	76
VII. Conversão ao Cristianismo, 300-363	88
VIII. A Nova Sociedade: Monaquismo e Expansão Cristã, 300-400	102

PARTE II. LEGADOS DIVERGENTES

I. O Ocidente

IX. Ressurreição do Ocidente, 350-450	123
X. O Preço da Ressurreição: A Sociedade Ocidental, 450-600	134

II. Bizâncio

XI. «A Cidade Dominante»: O Império do Oriente de Teodósio II a Anastácio, 408-518	145
XII. A Glória: Justiniano e os Seus Sucessores, 527-603	159
XIII. Os Impérios Orientais: Bizâncio e a Pérsia, 540-640	170
XIV. O Fim do Mundo Clássico: Cultura e Religião no Começo da Idade Média	182

III. Os Novos Participantes

XV. Maomé e a Evolução do Islamismo, 610-632	199
XVI. «Um Jardim Protegido pelas Nossas Espadas»: O Declínio do Mundo Antigo e o Islão, 632-809	205

Cronologia	216
Bibliografia	221
Agradecimentos	233

PARTE I

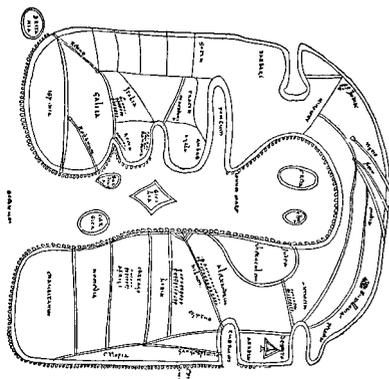
A Última Revolução Romana

I. A Sociedade

I. AS FRONTEIRAS DO MUNDO CLÁSSICO: C. 200

«Vivemos à volta do mar como o nevoeiro à volta de um lago», dizia Sócrates aos seus amigos de Atenas. Sete séculos depois, por alturas do ano 200, o mundo clássico mantinha-se fixado à volta do «lago», continuava preso às costas do Mediterrâneo. Os centros da Europa moderna ficaram muito para Norte e Ocidente do mundo dos homens antigos. Para estes, alcançar o Reno era chegar a «meio caminho dos bárbaros»; um homem típico do Sul transporta a esposa, que falecera, de Tréveros para Pavia, a fim de poder sepultá-la junto dos antepassados. Um senador grego da Ásia Menor, nomeado governador nas margens do Danúbio, queixa-se, nestes termos: «Os habitantes... levam a vida mais miserável da humanidade; não sabem cultivar a oliveira nem bebem vinho.»

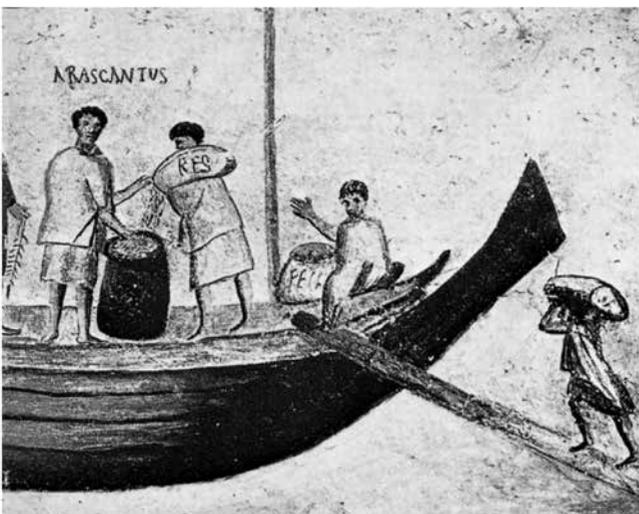
O Império Romano havia-se estendido até onde lhe parecera necessário, no tempo da República e durante o Principado, para amparar e enriquecer o mundo clássico, erguido à volta das costas do Mediterrâneo havia mais de quatro séculos. O que nos espanta é a extraordinária maré de vida mediterrânica deste império, durante o seu apogeu, no século III. Avança pela terra dentro até uma distância nunca até então atingida, especialmente na África do Norte e no Próximo Oriente. Por algum tempo é igual o rancho militar preparado na Itália e em frente dos Grâmpios, na Escócia. Junto dos montes Hodna, onde hoje são os ermos territórios do



4-6. Nesta página: o lago cercado de neveiro. Neste mapa de Albi (século VIII), o Mediterrâneo figura no centro do Mundo. A Bretanha (parte superior, à esquerda) é uma pequena nesga da Terra; o delta do Nilo e o Eufrates (parte inferior do centro e lado), pelo contrário, figuram mais pormenorizadamente. Na página ao lado: à esquerda, mar significa alimento; navio carregando trigo no porto de Ostia (séculos II-IV). Segundo um observador do século V, Constantinopla não tinha razão de queixa: «Apesar da sua vasta população, há sempre abundância de víveres, porque todas as provisões, ainda as mais variadas, podem ser trazidas directamente por mar.» 6. À direita, a alternativa. Incómoda viagem por terra. «A nossa cidade — escreve um habitante da Ásia Menor, no século IV — está longe do mar; não pode, por isso, nem exportar o supérfluo nem importar aquilo de que necessita em tempo de crise.» Relevô de Adamklissi (Tropaeum Traiani), de 108-109.

Sul da Argélia, levantam-se grandes cidades, como Timgad, com o seu anfiteatro, biblioteca, estátuas dos filósofos clássicos. Na cidade de Dura-Europos, nas margens do Eufrates, a guarnição observa o mesmo calendário das festividades de Roma. O derradeiro Mundo Antigo herda este extraordinário legado. Como manter, através de tão vasto império, um estilo de vida e de cultura, originariamente baseado numa estreita linha costeira de cidades-estados, eis um dos problemas principais do período compreendido entre 200 e 700.

O Mediterrâneo clássico havia sido sempre um mundo condenado à indigência. É um mar cercado por altas montanhas; as suas planícies férteis e vales fluviais são como remendos de uma sarapilheira. Muitas das maiores cidades dos tempos clássicos ficavam em pobres lugares alcantilados. Os seus habitantes viam-se obrigados a descer constantemente às regiões vizinhas, em busca de alimento. Descrevendo os sintomas da falta de alimentação das populações destes lugares no meado do século II, o Dr. Galen observa: «Os habitantes das cidades costumavam colher e enceleirar cereais suficientes para o ano imediato à colheita. Recolhiam todo o trigo, cevada, feijões e lentilhas, e deixavam os restos aos camponeses.» Vista a esta luz, a história do Império Romano é a história da maneira como dez por cento da população (que vivia nas cidades e deixava a sua marca na civilização europeia) se alimentava da forma sumária in-



dicada por Galen, à custa do trabalho dos restantes noventa por cento que trabalhavam a terra.

O alimento era a riqueza mais preciosa do mundo mediterrânico. Implicava o transporte. Poucas das grandes cidades do Império Romano dispunham, nos arredores, de terras que pudessem satisfazer as suas necessidades alimentares. Roma dependeu, durante muitos anos, da grande frota anual da África. Durante o século VI, Constantinopla recebia, anualmente, 175 200 toneladas de cereais do Egipto.

A água foi, nos primeiros sistemas de transporte, o que foram os caminhos de ferro nos transportes modernos — a artéria indispensável dos transportes pesados. Logo que um carregamento deixa as águas do Mediterrâneo ou de um grande rio, ao movimento rápido e seguro sucede a morosidade ruinosa. Fica mais barato levar um carregamento de trigo de uma extremidade do Mediterrâneo à outra do que transportá-lo por terra até à distância de 275 quilómetros.

O Império Romano foi sempre formado por dois mundos. Até 700, as grandes cidades marítimas não estão a grandes distâncias umas das outras; em vinte dias de boa navegação, um viajante vai de um canto a outro do Mediterrâneo, o centro do mundo romano. Em terra, porém, a vida romana tende sempre a concentrar-se em pequenos oásis, semelhantes a

gotas de água numa planície ressequida. Eram famosas as estradas romanas que corriam através do Império; mas atravessavam cidades cujos habitantes obtinham tudo o que comiam, e a maior parte do que usavam, dentro de um raio de uns 130 quilómetros.

Era no interior, nas terras que ladeavam as grandes vias, que as enormes despesas do Império se tornavam mais pesadas. O Império Romano fazia um esforço considerável para manter a sua unidade. Soldados, administradores, correios, auxiliares, visitavam constantemente as províncias. Visto pelos imperadores em 200, o mundo romano parece uma rede de caminhos, interrompidos por postos, ocupados por pequenas comunidades, que cobram os impostos em alimentos, vestuário, animais, e recrutam a mão-de-obra exigida pelas necessidades da corte e do exército.

Esta rude máquina era servida, obrigatoriamente, por muitos homens. A violência não representava uma novidade. Era tão velha como a civilização, em certos lugares. Na Palestina, por exemplo, Cristo ensinara aos seus ouvintes como deviam proceder quando um funcionário «os requisitasse para o acompanhar (carregando a sua bagagem) durante uma milha». A palavra «requisição» não era, originariamente, uma palavra grega; derivava do persa, tinha mais de 500 anos de idade, remontava ao tempo em que os Aqueménidas haviam aberto as famosas estradas do seu vasto império, empregando os mesmos duros métodos.

O Império Romano, que, perigosamente, se estendera até tão longe do Mediterrâneo no ano 200, conservava-se unido devido à ilusão de que era ainda muito pequeno. Raramente se viu um império tão dependente como este da delicada perícia dos governantes. Neste momento, preside aos seus destinos uma estranha aristocracia, unida pela mesma cultura, gosto e linguagem. No Ocidente, a classe senatorial continua a ser um escol tenaz e absorvente, que domina na Itália, África, França do Sul, vales do Ebro e do Guadalquivir. No Oriente, a cultura e o poder local concentram-se nas mãos das orgulhosas oligarquias das cidades. Através do mundo helénico, diferença alguma, no vocabulário e na pronúncia, denuncia o lugar de nascimento dos habitantes. No mundo ocidental, os aristocratas bilingues passam, inconscientemente, do latim para o grego. Um natural da África sente-se à vontade num *salon* literário de Esmirna, frequentado por gregos educados.

7-9. Em baixo, o sírio rico. O seu longo nome grego e romano — Marcus Julius Maximus Aristides — é acompanhado de uma longa inscrição em aramaico. O escultor emprega o estilo que precede o dos retratos bizantinos. Séculos II-III. À direita: em cima, um egípcio. Túmulo copta de Shech-Abade, Egipto. Século IV. Em baixo, camponeses do Reno. A túnica curta, de lã, e o barrete das classes inferiores do Ocidente continuam a usar-se durante a Idade Média. Sobrevivem no hábito e no capuz do frade. Túmulo do século II.



Esta espantosa uniformidade era mantida por homens que sentiam obscuramente que a sua cultura clássica se destinava a excluir as alternativas do seu próprio mundo. Como muitas aristocracias cosmopolitas — como as dinastias do fim da Europa feudal ou os aristocratas do Império Austro-Húngaro —, os homens da mesma classe e cultura sentiam-se, em qualquer parte do mundo romano, mais unidos uns aos outros do que à maioria dos camponeses «subdesenvolvidos», seus vizinhos. Os «bárbaros» exercem uma pressão silenciosa e persistente sobre a cultura do Império Romano. «Bárbaros» não eram apenas os primitivos de além-fronteiras; cerca de 200, estes «bárbaros» haviam-se juntado aos habitantes do interior do Império. Os aristocratas passam de um lugar para outro, administram a justiça, falam a mesma língua, observam os mesmos ritos, desempenham os modos de vida de todos os homens educados. A estes costumes só se mantêm alheios os territórios habitados por certas tribos aliadas da Germânia ou da Pérsia. Na Gália, os camponeses ainda falam o céltico; na África do Norte, o púnico ou o líbio; na Ásia Menor, antigos dialectos, como o licaónio, o frígio, o capadócio ou o siríaco e o aramaico, na Síria.

Vivendo lado a lado com o imenso mundo «bárbaro», as classes governamentais do Império Romano haviam-se libertado dos mais virulentos exclusivismos dos regimes coloniais modernos. Eram bastante tolerantes quanto à raça e religiões locais. Mas o preço que exigiam pela inclusão no seu próprio mundo era conformidade: a adopção do seu estilo de vida, das suas tradições, da sua educação, e, ainda, das suas duas línguas clássicas — o latim, no Ocidente, o grego, no Oriente. Os que não estavam em condições de cumprir eram corridos, francamente desprezados como «rústicos» e «bárbaros». Os que podiam participar mas não queriam — especialmente os judeus — eram tratados ora com ódio ora com desprezo, sentimentos só ocasionalmente suavizados por certa curiosidade respeitosa pelos representantes da antiga civilização do Próximo Oriente. Os que participavam uma vez mas «desertavam» ostensivamente — os cristãos, sobretudo — podiam ser executados sumariamente. Por alturas de 200, muitos governadores das províncias, acompanhados pelas turbas, assinavam, em diversos lugares, com histórica certeza as fronteiras do mundo clássico, mediante perseguições contra os cristãos. «Não há coisa que